



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM EDUCAÇÃO
DO CAMPO

MARINA CASSEMIRO DA SILVA SOARES

***A INTERNET É UM RECURSO FACILITADOR OU OBSTÁCULO NO PROCESSO
DE ENSINO APRENDIZAGEM? PERCEPÇÕES DOCENTES EM DUAS ESCOLAS
DO CAMPO***

João Pessoa- PB
2019

MARINA CASSEMIRO DA SILVA SOARES

**A *INTERNET* É UM RECURSO FACILITADOR OU OBSTÁCULO NO PROCESSO
DE ENSINO APRENDIZAGEM? PERCEPÇÕES DOCENTES EM DUAS ESCOLAS
DO CAMPO**

Monografia de graduação apresentada ao Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia com área de aprofundamento em Educação do Campo.

Orientadora: Profa. Dra. Jeane Felix da Silva

JOÃO PESSOA
2019

Catálogo na publicação

S676i Soares, Marina Cassemiro da Silva.

A internet é um recurso facilitador ou obstáculo no processo de ensino aprendizagem? Percepções docentes em duas escolas do campo / Marina Cassemiro da Silva Soares. - João Pessoa, 2019.

50 f.

Orientação: Jeane Félix da Silva.

Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Internet. 2. Formação docente. 3. Sala de aula. 4. Uso de Tecnologias. I. Silva, Jeane Félix da. II. Título.

UFPB/BC

Seção de Catalogação e Classificação

MARINA CASSEMIRO DA SILVA SOARES

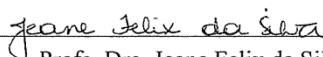
**A INTERNET É UM RECURSO FACILITADOR OU OBSTÁCULO NO PROCESSO DE ENSINO
APRENDIZAGEM? PERCEPÇÕES DOCENTES EM DUAS ESCOLAS DO CAMPO**

Monografia de graduação apresentada ao Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia com área de aprofundamento em Educação do Campo.

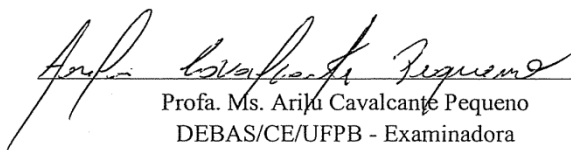
Orientadora: Profa. Dra. Jeane Felix da Silva

Aprovada em: 09 / maio / 2019

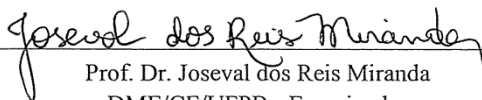
Banca Examinadora



Profa. Dra. Jeane Felix da Silva
DHP/CE/UFPB - Orientadora



Profa. Ms. Airlu Cavalcante Pequeno
DEBAS/CE/UFPB - Examinadora



Prof. Dr. Joseval dos Reis Miranda
DME/CE/UFPB - Examinador

A Deus, que sempre foi o autor da minha vida e do meu destino, que me ajudou em cada etapa deste trabalho e não me deixou fraquejar.

A minha amada mãe, Margarida Casseiro (In memoriam), minha maior inspiração, quem dedicou cada momento de sua vida para encher meu coração de amor, zelo, proteção, força, esperança, coragem e determinação, dedico.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado o dom de educar. O mesmo me possibilita acreditar em um mundo melhor, democrático e me capacita para encorajar as pessoas a confiar em si mesmas de maneira que ampliem seus sonhos sem medo de lutar por eles. À missão confiada, comprometo-me esforçar diariamente para sempre dar meu melhor.

A família, em especial: Minha amada mãe, Margarida Cassemiro (*In memoriam*), a quem devo a honra de tê-la como tal. Seus infinitos cuidados e conselhos serão carregados por mim até meu último suspiro. Mesmo não estando conosco mais, sinto todo seu amor e dedicação para comigo e nossa família. Ao meu pai, Jovino, que sempre foi um anjo em nossas vidas, e me propiciou a viver sempre pelo caminho do bem, ensinando-me os valores de coragem, amor e determinação. As minhas queridas irmãs Mariza e Marineide, e irmão Júlio, o laço que nos une é tão forte que vai além do ser irmão (ã). Tê-los é sinônimo de riqueza, cumplicidade, divindade. Não imagino minha vida sem vocês. Ao meu querido noivo, Maurício, presente de Deus em minha vida. E aos meus cunhados Jebson Galdino e Jefesson Micena, os tenho como irmãos, amo a amizade que construímos e sei que posso contar sempre com vocês. A todos, por apoiar minha decisão no papel da educação, estando nos momentos difíceis e marcantes da minha trajetória, além da força que a mesma me transmitiu para enfrentar barreiras, ultrapassar obstáculos e enfim alcançar meus objetivos.

Aos meus professores(as) que contribuíram ativamente neste processo de formação, me orientando, estimulando, aperfeiçoando e capacitando para que eu me tornasse uma educadora autêntica, observadora e apaixonada pela profissão escolhida, em especial, aos(às) professores(as): Jeane Félix (a qual me orientou para a construção deste trabalho), Severina Andréa, Quézia Villa Flor, Francisca Alexandre (Professora da Disciplina de TCC), Matheus da Cruz, Romero Antônio, Livaneide Guedes, Eliane Ferraz. Aos (as) professores da banca examinadora deste trabalho, Joseval dos Reis Miranda e Arilu Cavalcante Pequeno. E ainda à professora Lebiã Tamar, a quem, embora não tive a honra de tê-la como professora de uma disciplina específica do curso, pude conhecer brevemente e tenho uma enorme admiração por seus trabalhos e produções acadêmicas.

E ainda aos meus amigos e amigas, desde os da infância aos da academia que eu ganhei. A todos, gratidão.

O inesperado surpreende-nos. É que nos instalamos de maneira segura em nossas idéias e estas não têm estrutura para acolher o novo. Entretanto, o novo brota sem parar. Não podemos jamais prever como se apresentará, mas deve-se esperar pela sua chegada [...]. E quando o inesperado se manifesta, é preciso ser capaz de rever nossas teorias e idéias, em vez de deixar o novo entrar à força na teoria incapaz de recebê-lo. (Morin, 2003, pág. 30)

SOARES, Marina Cassemiro da Silva A *INTERNET* É UM RECURSO FACILITADOR OU OBSTÁCULO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM? PERCEPÇÕES DOCENTES EM DUAS ESCOLAS DO CAMPO. João Pessoa: UFPB, 2019

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objeto de estudo o uso educativo da *internet* em sala de aula, com o objetivo de conhecer a percepção e a familiaridade de docentes de duas escolas do campo sobre o uso dessa ferramenta para o enriquecimento das práticas pedagógicas. A metodologia pautou-se por uma abordagem qualitativa do tipo descritiva. Os sujeitos da pesquisa foram 10 professores (as) de Escolas do Campo situadas no Município de Sobrado/PB. O instrumento de coleta de dados foi um questionário semiestruturado. Os resultados obtidos foram que os (as) profissionais pesquisados (as) encontram-se pouco preparados (as) para a utilização pedagógica da *internet* e do celular em suas práticas pedagógicas. Vários (as), limitam-se a entender a *internet* e os recursos tecnológicos como ferramentas de buscas por materiais didáticos, sem pensar em potencializar seu uso educativo em sala de aula. Nesse sentido, conclui-se que é de fundamental importância que os cursos de formação docente abordem, de modo mais amplo e significativo, o uso de tecnologias junto aos (às) docentes em formação.

Palavras-chave: *Internet*; Formação docente; Sala de aula; Uso de Tecnologias.

ABSTRACT

This paper aims to study the educational use of the *internet* in the classroom, aiming to know the perception and familiarity of teachers from two schools in the countryside on the use of these tools for the enrichment of pedagogical practices. The methodology was based on a qualitative approach of the descriptive type. The subjects of the survey were 10 teachers from countryside schools located in the city of Sobrado / PB. The data collection instrument was a semi-structured questionnaire. The results obtained were that the professionals studied were not well prepared for the pedagogical use of the *internet* and the mobile phone in their pedagogical practices. Many of them are limited to understanding the *internet* and technological resources as search tools for teaching materials, without thinking about potentializing their educational use in the classroom. In this sense, we conclude that it is of paramount importance that the teacher training courses address, in a broader and more meaningful way, the technology use with the teachers in training.

Keywords: *Internet*; Teacher training; Classroom; Technology Use.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC- Base Nacional Comum Curricular

CEB- Câmara de Educação Básica

CEFFA- Centro Educacional Familiar de Formação por Alternância

CGI. BR- Comitê Gestor de *Internet* do Brasil

CNE- Conselho Nacional de Educação

ENERA-Encontro Nacional de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IIN- Instituto Interamericano da Criança

LDBEN- Leis de Diretrizes e Bases Educacionais Brasileira

NITC. BR- Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto do Brasil

OEA- Organização dos Estados Americanos

PRONACAMPO- Programa Nacional de Educação do Campo

PROCAMPO-Programa Nacional de Educação Reforma Agrária

PNLD- Programa Nacional do Livro Didático

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso

UFPB- Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. EDUCAÇÃO DO CAMPO: UM TERRENO DE LUTAS.....	14
2.1 Políticas Públicas para a Educação do Campo	16
2.2. O uso da <i>internet</i> na Educação do Campo	18
2.3 Noções teórico-metodológicos que norteiam o processo de formação de educadoras (es) do campo	21
3. UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE.....	22
3.2 O uso da <i>internet</i> e de aparelho celular em sala de aula: a tecnologia como auxiliadora do trabalho docente	26
4. CAMINHOS METODOLÓGICOS	30
4.1- Caracterização do campo da pesquisa	30
4.1.1 Escola 1	30
4.1.2 Escola 2	31
4.2 Sujeitos da pesquisa	32
5. O QUE DIZEM OS(AS) DOCENTES SOBRE O USO DA <i>INTERNET</i> E APARELHO CELULAR NA SALA DE AULA EM ESCOLA DO CAMPO?.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48
APÊNDICES	51

1. INTRODUÇÃO

Na sociedade em que vivemos, as tecnologias têm avançado mais a cada dia. O maior exemplo disso é a *Internet*. Segundo as informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2016, no Brasil existiam cerca de 116 milhões de pessoas conectadas e quase 63,3% das casas brasileiras possuíam acesso à *internet*. Essa conectividade com a *internet* tem se tornado cada vez mais indispensável. Por meio desses dados, fica nítido que o acesso à informação, de todos os tipos, é algo que está ao alcance de grande parte da população. A mesma investigação também divulga que, em relação às faixas etárias, aqueles (as) que mais utilizam a *internet* são pessoas entre 18 a 24 anos de idade, o que indica a juvenilização do acesso à *internet*, e que cerca de 95% dessas pessoas a utilizam para trocar mensagens.

É nesse universo da *Internet* que podemos localizar informações sobre ou mesmo “se deslocar” para qualquer lugar em apenas poucos segundos. Nessa perspectiva, fica “fácil” ir à museus, lojas, outras cidades, estados e países sem mesmo sair de onde se está. Apenas um “click” e, praticamente, já encontramos uma foto, um filme, uma música, ou qualquer outra coisa que a nossa mente possa desejar, independente de onde estejamos a *internet* parece estar sempre pronta para nos oferecer lazer, informação sobre lazer, receitas diversas, política e educação, por exemplo. Porém, o uso da *internet*, quando não é feito de maneira correta, pode ser perigoso, pois ali também encontram-se, para exemplificar, vírus e notícias falsas, plágios, também contém uma área cheia de informações adversas em que o (a) aluno (a) pode estar diante de muitos conceitos e não saber discernir “o certo do errado”. De acordo com um relatório feito pelo OEA (Organizações dos Estados Americanos) e pelo IIN (Instituto Interamericano da Criança) muitos riscos estão presentes na *internet* entre eles, *cyberbulling*¹, assédio virtual, entre dezenas de outros riscos.

A mesma PNAD, já mencionada, indica que nossas crianças e jovens, independente de idade, renda, localidade de moradia, já usufruem desta ferramenta em sua vida cotidiana, o que indica para a necessidade de que as escolas, assim como os cursos de formação docente, contemplem a reflexão sobre o uso de *internet* em processos educativos.

¹Cyberbulling, é um tipo de violência praticada contra alguém através da *internet* ou de outras tecnologias relacionadas. Praticar **cyberbulling** significa usar o espaço virtual para intimidar e hostilizar uma pessoa (colega de escola, professores, ou mesmo desconhecidos), difamando, insultando ou atacando covardemente. Disponível em <https://www.significados.com.br/cyberbulling/>.

Em estágios realizados em três escolas do campo no decorrer do meu curso (nos semestres 5º, 6º, 7º, 8º, e 9º) pude notar um certo “medo” na fala dos (das) docentes quando se tratava da ideia da aplicação da *internet* em sala de aula. Nos estágios, percebi que raramente os (as) docentes faziam projetos e atividades para a inclusão dessa ferramenta nas aulas. Nas escolas pelas quais passei, a *internet* parecia se limitar para fins administrativos da secretaria. Os (as) professores (as) alegavam que a *internet* que chegava na escola era insuficiente, apresentando péssima qualidade, inclusive, muitas (os) deles (as), reclamavam da falta de estrutura.

A pouca estrutura relatada pelos (as) docentes das escolas em que estagiei refletem a falta de condições experimentadas também por outras escolas. Conforme mostra a pesquisa TIC Educação, realizada pelo Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br), ligado ao Comitê Gestor da *Internet*, 96% das escolas estão conectadas à *internet*, porém apenas 73% dos professores(as) que já utilizaram em sala de aula, (59%) foi para pesquisas escolares, para trabalhos em grupo (54%) e exposição simples de aulas (50%), trabalhos mais participativo, como produção de planilhas e gráficos (22%) ou jogos educativos (31%) são utilizados de forma mais reduzida. Ainda de acordo com essa pesquisa, são poucos os (as) profissionais que fazem uso educativo da *internet*.

Com esse cenário, me ocorreram os seguintes questionamentos: Qual a percepção de professores (as) de escolas do campo sobre o uso de *internet* em suas aulas? Os (as) docentes estão familiarizados (as) para a utilização educativa da *internet* em suas aulas? Desse modo, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como **objetivo geral**: conhecer a percepção de professores (as) de duas escolas do campo sobre o uso educativo da *internet*. Os **objetivos específicos** são: a) mapear a familiaridade de professores (as) de duas escolas do campo sobre o uso da *internet* em sala de aula; b) refletir sobre as potencialidades e os desafios do uso da *internet* nas escolas pesquisadas, indicando a importância de se trabalhar com o uso da *internet* em escolas do campo.

A escolha do tema partiu das experiências vivenciadas em um dos estágios, nos quais percebi, em algumas aulas, que alguns (a) alunos (a) se dispersassem do conteúdo trabalhado, com conversas paralelas e brincadeiras. Ao mesmo tempo, esses (as) estudantes estavam sempre conectados aos seus celulares. A presença daquele objeto, tão familiar e, ao mesmo tempo, tão “proibido”, era o principal responsável pela falta de atenção na aula dada, causando nas docentes expressão de frustração. Lembro-me que a professora de uma das turmas não parava de reclamar da presença dos aparelhos celulares trazidos pelos alunos (as)

e também da *internet*. Ela, por várias vezes, remeteu a expressão “demônio” ao falar sobre a *internet*. Várias vezes, percebi que a professora pedia, incansavelmente, quase como um clamor, pela inibição daquele instrumento e dos aparatos de comunicação que eles traziam, mas isso parecia não mais resolver. Partindo desses dois fatos (da utilização não permitida dos aparelhos celulares e da postura dos(as) estudantes quanto à proibição) meu trabalho visa refletir sobre o uso dos aparelhos celulares e da *internet* nas salas de aula, apontando se esse uso pode ou não contribuir para uma aula mais produtiva, mais crítica, que remeta melhor o(a) aluno(a) a reflexões sobre as temáticas abordadas pelos(as) professores(as).

Tocada por essa experiência do estágio e pela intuição de que a utilização da *internet* pode ser uma potente estratégia educativa, busquei, inicialmente, pesquisar teses e dissertações que discutiam a temática da utilização da *internet* como ferramenta de ensino. Em seguida, com finalidade de compreender o tema estudado, fiz leituras sobre a educação na contemporaneidade e sobre as políticas públicas para implementação das redes *wifis* nas escolas, além de práticas educativas que envolvem esse uso, o que me ajudou a ter um conhecimento teórico para a construção do meu TCC.

Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa de tipo qualitativo, na qual busco conhecer o que professores (as) de duas escolas do campo, localizadas no interior da Paraíba, dizem sobre o uso da *internet* em sala de aula. Para isso, lanço mão, como técnica de coleta de dados, da aplicação de um questionário semiestruturado que foi aplicado com dez professores (as) de ambas escolas.

Assim, este trabalho de conclusão de curso foi organizado em cinco capítulos. Este **primeiro**, introdutório; o **segundo capítulo**, no qual apresento o referencial teórico que traz alguns apontamentos sobre a Educação do Campo, seus princípios, políticas e conquistas; o **terceiro capítulo**, ainda no referencial, apresento a posição dos teóricos sobre a educação da contemporaneidade e o que dizem as políticas públicas e documentos normativos sobre a importância da formação docente para lidar com as novas exigências desse século. No capítulo 4, discorro os caminhos metodológicos, no capítulo 5 compõe os resultados da pesquisa e a análise dos dados; e, por fim, disponho as considerações finais.

2. EDUCAÇÃO DO CAMPO: UM TERRENO DE LUTAS

Garantir à população do campo uma educação digna e justa é um processo do qual não podemos abrir mão. No Brasil, a educação básica é um direito constitucional, garantido pela Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988). Todavia, o processo de escolarização para as pessoas que vivem no campo nem sempre foi respeitado e promovido. A educação do campo é, podemos dizer, uma filosofia de vida que a população camponesa carrega. A população do campo tem sua história marcada por injustiças, esquecimentos, conflitos e muitas lutas e a educação do campo é uma estratégia para valorizar as pessoas do campo, seus saberes, suas lutas. De acordo com Caldart (2012, p. 257), a educação do campo:

(...) nomeia um *fenômeno da realidade brasileira atual*, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas. Objetivo e sujeitos a remetem as questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de política pública, de educação e de formação humana.

Assim, pensar em educação do campo nos propõe uma discussão sobre a história da realidade sócio-econômica atual do meio rural, do modo de organização social, econômica e política desenvolvida em nossa sociedade desde a colonização. O modelo agrário consistia em manter o poder nas mãos dos proprietários de terra e da exploração da mão de obra dos (as) trabalhadores (as) escravos (as), moradores (as), colonos (as). A injustiça implementada para esse povo (desigualdade social, a inibição, abdicação e exclusão de seus próprios princípios, direitos por uma educação e cultura própria), ocasionou por muito tempo uma ruptura cultural de nosso país. E, em consequência, o campo foi (e, em muitos casos, continua sendo) visto como um espaço rural dotado de atraso, de abandono e de desprezo das pessoas que trabalham com a terra, entre outras razões, por não terem obtido sucesso na vida escolar. (BATISTA, 2014, p.02).

Essa Concepção de campo durou por muito tempo. Assim, cansados (as) de injustiças e de exclusão muitos camponeses começaram a organizar diferentes formas de luta (pelo fim da escravidão, da exploração, da dominação, pelo direito à vida e à participação política (BATISTA, 2014, p.01). Nas palavras de Caldart:

No começo os sem-terra acreditavam que se organizar para lutar por escola era apenas mais uma de suas lutas por direitos sociais; direitos de que estavam sendo excluídos pela sua própria condição de trabalhador (a) sem terra. Logo foram percebendo que se tratava de algo mais complexo. Primeiro porque havia (como há até hoje) muitas outras famílias trabalhadoras do campo e da cidade que também não tinham acesso a este direito. Segundo, e igualmente grave, se deram conta de que somente teriam lugar na escola se buscassem transformá-la. Foram descobrindo, aos poucos, que as escolas tradicionais não têm lugar para sujeitos como os sem-terra, assim como não costumam ter lugar para outros sujeitos do campo, ou porque sua estrutura formal não permite o seu ingresso, ou porque sua pedagogia desrespeita ou desconhece sua realidade, seus saberes, sua forma de aprender e de ensinar (CALDART, 2003, p.63).

Não se trata apenas de uma modalidade de ensino direcionada aos (às) camponeses e camponesas. A educação do campo está “intrinsecamente embasada em princípios filosóficos, sociológicos, políticos e pedagógicos que se ancoram, na educação popular inspirada em Paulo Freire, nos pensadores da educação socialista e na chamada pedagogia do movimento” (CALDART, 2004, p. XX). Nesse sentido:

A escola do campo “não é, afinal, um tipo diferente de escola, mas sim é a escola reconhecendo e ajudando a fortalecer os povos do campo como sujeitos sociais, que também podem ajudar no processo de humanização do conjunto da sociedade, com suas lutas, sua história, seu trabalho, seus saberes, sua cultura, seu jeito” (CALDART, 2003, p. 66).

Nessa direção, não basta ofertar escola para as pessoas que vivem no campo, mas ofertar-lhes, por meio dessas escolas, uma educação que reconheça e valorize suas práticas, seus saberes, sua cultura. Os sujeitos do campo não são sujeitos homogêneos, ao contrário, são ricas as expressões da diversidade existentes. Assim, conforme o tempo passava, outros elementos foram sendo incorporados às demandas da educação do campo, como a crítica ecológica, questões de etnia, de gênero, de geração, de identidade cultural e de reconhecimento da diversidade cultural. “Uma longa e tensa caminhada para colocar o campo na agenda pública” (ARROYO, 2004, p. 91). No final dos anos de 1980, a luta foi se intensificando: os (as) camponeses (as) lutavam por uma reforma agrária, e, conforme a luta crescia, a ideia pela busca por direitos a uma educação como elemento importante para o desenvolvimento das comunidades ia se fortalecendo. A educação oferecida para a população do campo não era proporcional aos saberes do campo, não atendia as necessidades do homem

e da mulher camponesa (a) que trabalhavam com a terra, no campo. Como afirma Caldart (2002, p. 28) após criticar a metodologia engessada trazida para as escolas do campo:

Queremos participar diretamente da construção do nosso projeto educativo; queremos aprender a pensar sobre a educação que nos interessa enquanto ser humano, enquanto sujeitos de diferentes culturas, enquanto classe trabalhadora do campo, enquanto sujeitos das transformações necessárias em nosso país, enquanto cidadãos do mundo.

Como foi dito anteriormente, um dos princípios da educação do campo é o de poder lutar por uma educação de qualidade que respeite os princípios do campo. Para isso, é necessário lutar pela construção de políticas públicas para garantir o direito de trabalhar e estudar no campo de forma sustentável e solidária.

2.1 Políticas Públicas para a Educação do Campo

A educação do campo tem como premissa lutar pela emancipação dos sujeitos do campo, o que ocorre, entre outros elementos, pela reflexão crítica sobre a sociedade que oprime os (as) camponeses, considerando seus valores e saberes como inferiores. Desse processo de luta, algumas conquistas foram obtidas ao longo do processo, mas, só a partir de 1990, a educação do campo passa a ser reconhecida no âmbito das políticas públicas (BATISTA, 2014, p.02).

Passo, pois, a contar um pouco dessa história. Em julho de 1997, na universidade de Brasília, foi realizado o Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária – ENERA, espaço em que, “os sem-terra com seu jeito matuto deram a cismar que construir outra escola era possível.” (FERNANDES, 2002, p. 90). No final do século XX, a militância se intensifica sobre o tema uma educação para o campo. No começo dos anos 2000, foi aprovado o Parecer nº 36/2001 da Câmara de Educação Básica (CEB), do Conselho Nacional de Educação (CNE) e do Ministério da Educação, referente às Diretrizes Educacionais para as escolas de educação básicas do campo, fundamentado pelo Art. 28 da LDBEN (Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional), descrito a seguir:

Art. 28. “Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente.

I. Conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

- II. Organização escolar própria, incluindo a adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e as condições climáticas;
- III. Adequação à natureza do trabalho na zona rural. (BRASIL; 1996)

Em 28 de abril de 2008, Diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo foram estabelecidas pelo Parecer N° 01 do CNE/CEB. Entre outros aspectos, esse Parecer trata de dias letivos para a aplicação da Pedagogia de Alternância² nos Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFA). Outro importante documento legal foi o Decreto N° 7.352, de 4/11/2010 que “dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária”. Esse Decreto estabelece a população da zona rural como prioritária, com um enfoque para o Programa Nacional de Educação do Campo – PRONACAMPO. O PRONERA (Programa Nacional de Educação Reforma Agrária) formulado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE/CEB 4/2010), que entendia que era preciso mais que conquistas materiais, era necessário bens imateriais conjuntamente.

O PRONERA foi criado em 1998, por meio da Portaria nº. 10/98, pelo Ministério Extraordinário de Política Fundiária, tal programa propõe e apoia projetos de educação voltados para o desenvolvimento das áreas de reforma agrária, bem como “capacita educadores para atuar nos assentamentos e coordenadores locais – multiplicadores e organizadores de atividades educativas comunitárias” (BRASIL, 2016). O referido programa tem como público alvo: jovens e pessoas adultas de assentamentos que não tiveram a oportunidade de estudar, a fim de que tenham acesso à educação básica (alfabetização, ensino fundamental e médio), técnicos profissionalizantes de nível médio e cursos superiores e de especialização (BRASIL, 2016) (Rodrigues, Bonfim, 2016 p. 1383)

São, ainda, exemplos de políticas públicas voltadas à educação do campo: o Saberes da Terra - Programa Nacional de Educação Integrada com Qualificação Social e Profissional para Agricultores/as Familiares – 2005; o ProJovem Campo; o Procampo - Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo, considerando as diretrizes político-pedagógicas formuladas em consonância à Resolução CNE/CEB N° 1, de 3/4/2002; o Pronatec Campo, programa que prevê a realização de cursos de educação

² Ribeiro (2008, p. 02) entende a Pedagogia da Alternância como “uma expressão polissêmica que guarda elementos comuns, mas que se concretiza de diferentes formas: conforme os sujeitos que as assumem, as regiões onde acontecem as experiências, as condições que permitem ou limitam e até impedem a sua realização e as concepções teóricas que alicerçam suas práticas. Com esse cuidado e de modo amplo, pode-se dizer que a Pedagogia da Alternância tem o trabalho produtivo como princípio de uma formação humanista que articula dialeticamente ensino formal e trabalho produtivo”.

profissional e tecnológica, destinado aos públicos da agricultura familiar, povos e comunidades tradicionais e da Reforma Agrária (assentados e acampados) (BATISTA, 2014, p. 03).

Segundo o MEC³ onde podemos encontrar no foram investidos mais de R\$ 71 milhões em 2012 em reformas das escolas e creches e o programa Caminhos da Escola, com a aquisição de veículos escolares padronizados. Em 2012, foram liberados 11.965 ônibus escolares rurais, 236 lanchas e 60 mil bicicletas e capacetes. Também, a partir desse ano, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) conta com projeto específico para as escolas da área rural, o PNLD-Campo, que atendeu mais de 2 milhões de estudantes. Segundo o então Ministro da Educação, Aloízio Mercadante (2013): “Isso permitirá que as crianças e jovens do campo fortaleçam a relação com a terra e não precisem sair para estudar na cidade”⁴. Essas conquistas, entre outras, representam um avanço em relação ao direito a políticas públicas para a educação de quem vive no campo, pois como nos diz a Lei 13.105/15 é necessário o respeito por cada pessoa, independentemente de suas distinções, pois somos um país de diferentes culturas, e isso é lindo e precisa ser valorizado. Todavia, cabe destacar que, nos últimos tempos, tem se intensificado a redução de investimentos específicos nas políticas públicas voltadas à educação do campo, que deixou de ser prioridade da gestão federal, e com esse cenário, fica nítido que os preceitos básicos para se ter na escola do campo não são adquiridos, pois através do uso educativo da internet, podíamos destacar e compartilhar a quão rica é a cultura do campo.

2.2. O uso da *internet* na Educação do Campo

Em uma reportagem do Porvir (órgão sobre inovações educacionais), em parceria com a Fundação Telefônica, a professora Maria Helena Bonilla concedeu uma entrevista sobre o uso da internet na Educação do Campo⁵. A professora falou sobre a importância de utilizá-la para a comunicação da cultura camponesa. Em um dos trechos da entrevista, ela diz: “A tecnologia não é apenas para ter acesso a cultura da cidade. Ela tem que ser vista e recebida para que essas pessoas também possam se colocar como produtores culturais, em suas

³Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32803-educacao-do-campo> > Acesso em: 20 jan, 2019.

⁴ Idem

⁵ Ver *site* em:<<https://educagil.blogspot.com/2014/11/como-tecnologia-pode-impactar-na.html>> Acesso em: 20 jan, 2019.

próprias percepções. Isso fortalece e valoriza a cultura do campo”. Para a professora Bonília, a internet pode ser uma ferramenta valiosa para a construção de identidade própria para os sujeitos do campo, na medida em que permite, além de consumir conteúdos, criar matérias sobre sua realidade e cultura, criar comunidades nas redes sociais para trocar informações com outras pessoas que vivem no campo, mostrando a riqueza de morar no campo, valorizando e disseminando os saberes oriundos do campo.

Evaristo Santos, ex-Secretária da antiga Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação, relata:

Outro desafio é também pensar no uso e na produção de conteúdos pelas escolas do campo, como fazer com que essa tecnologia dialogue com o desenvolvimento local, com o desenvolvimento sustentável, e se traduza para os professores do campo em novas formas e novas perspectivas de desenvolvimento para escola (SANTOS, 2009).

A Fundação Telefônica realizou o programa Escolas Rurais Conectadas a fim de levar inovações e conectividade para as zonas rurais. Segundo a Fundação Telefônica (2016, p. s.p):

Em um universo de 50 milhões de alunos matriculados, é um dado importante que 12% deles estejam em área rural. Pensar a educação brasileira é pensar a educação do campo, e como as particularidades educacionais de uma região de acessos complexos, aulas multisseriadas e histórico de movimentos sociais funcionam.

Em prol de escolas rurais que tenham a oportunidade de usufruir das novas tecnologias, o site revela: "Queremos oferecer melhores oportunidades para crianças e jovens no campo, afinal, por meio do conhecimento, ampliamos nossa capacidade de sonhar e também de realizar” (FUNDAÇÃO TELEFÔNICA, 2016, s.p). De acordo com os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dados preliminares do Censo Agro 2017, o acesso à internet no campo disparou 1.790% em 11 anos: de 75 mil, em 2006, para 1,4 milhões, em 2017. A pesquisa também mostra que os acessos são realizados por meio de banda larga (46,2%) e via *internet* móvel (63,77%). O estudo mostra que o uso do aparelho celular também subiu, cerca de 1,2 milhão para 3,1 milhões entre 2006 e 2017, um crescimento de 158%. Como se pode notar, o uso da internet, mesmo nesses lugares mais longínquos não se limita, todavia, é necessário que as escolas saibam que ela pode ser uma rica e potente aliada para evidenciar os poderes da cultura, diversidade, costumes.

2.3 Noções teórico-metodológicos que norteiam o processo de formação de educadoras (es) do campo

Entre as pautas de luta por políticas públicas para a Educação do Campo sempre esteve o direito a uma formação docente de qualidade voltada ao atendimento das especificidades do campo. Um curso de licenciatura diferenciada, estruturado e desenvolvido para formar docentes que construam uma educação contra hegemônica, contra homogênea, livre de qualquer domínio de um grupo sobre o outro, capaz de garantir a diversidade do campo, e conseqüentemente, criar uma proposta que valorize e faça crescer as culturas do campo (COSTA, 2017). Pensando nisso, o Ministério da Educação, criou no dia 1º de fevereiro de 2013, pelo decreto nº 7.352 e por meio da portaria nº 86, o Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo – Procampo. Esse Programa foi criado com o um dos princípios centrais é aproveitamento dos conhecimentos oriundos dos e das estudantes do campo. Que a aula seja dinâmica, que o (a) professor (a) não seja o centro, que conduza o (a) discente a falar da realidade local a qual pertence, à conscientização, a “imersão das consciências, de que resulte sua inserção crítica na realidade” (FREIRE, 2014, p. 98), a tornar viável a organização de lutas, assentamentos, de reconhecer o poder de lutar. Nas palavras de Paulo Freire (2014, p. 75), o (a) educador (a) comprometido com esse tipo de educação: “descruza os braços, renúncia à expectativa e exige a ingerência. Já não se satisfaz em assistir. Quer participar”. Trata-se, de um (a) educador (a) para enxergar a valorização da diversidade e combater todos os tipos de discriminação.

Acredito na escola como espaço de construção, de troca, de aprendizagens coletivas e de afeto, como nos ensinou Freire. Para IRPAA (2002)⁶ e RESAB (2004)⁷, essa escola exige “um profissional investigador da realidade, pesquisador, problematizador, aprendiz, articulador e criativo”. O (a) profissional que atua na educação do campo deve tomar consciência do lugar que ocupar, compreender os mecanismos de poder que envolvem o contexto no qual está envolvido (a), contribuindo, assim, para educar de forma emancipatória e democrática.

⁶ IRPAA. **Referencial Curricular de Educação para Convivência com o Semi-Árido**. Bahia: Juazeiro: (mimeo), 2003.

⁷ MARTINS, Josemar, **Anotações em torno do conceito de Educação para Convivência com o Semi-Árido**. In: **Educação para a convivência com o Semi-Árido Brasileiro: reflexões teórico práticas**. Bahia: Juazeiro: Selo Editorial RESAB, 2004

3. UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

Numa sociedade que muda constantemente, na qual novos cenários são criados, temos uma juventude que muito se difere daquela das décadas de 1980 e 1990, são os chamados “nativos digitais”, isto é, aquelas pessoas “que nasceram em uma época em que as tecnologias já eram realidade e, por isso, têm características únicas e diferentes de todas as gerações anteriores (PRENSKY, 2001 *apud* KLIX, 2017, p. 69). Segundo os dados do Comitê Gestor da *Internet*:

Ainda que, no Brasil, o acesso às tecnologias digitais seja muito desigual, a maioria das crianças e adolescentes está familiarizada com a *Internet* e as ferramentas digitais: 82% dos que têm entre 9 e 17 anos são usuários de *Internet*, segundo a pesquisa TIC Kids Online Brasil (Comitê Gestor da *Internet* no Brasil [CGI.br], 2017a) (KLIX, 2017, p. 69)

Em consonância, dados obtidos pela *Nossa Escola em (Re) construção* - que ouviu mais de 132 mil estudantes de 13 a 21 anos, de todos os estados brasileiros, nos dias 28 de abril e 31 de julho de 2016, sobre o que eles (as) pensam e querem da escola - narrados pela jornalista e gestora de Mobilização do Instituto Inspirare e do portal Porvir, apontam que:

Os adolescentes e jovens querem uma escola mais flexível, dinâmica e com atividades práticas. A vontade de usar e aprender sobre tecnologia, por sua vez, é uma das tendências mais marcantes nas respostas dos alunos (Porvir, 2016a). Esse desejo é expresso quando pensam sobre a infraestrutura – 51% dizem que não pode faltar tecnologia em todos os espaços da escola. Para os estudantes, o uso de recursos tecnológicos não deve se limitar ao laboratório de informática, mas pode ocorrer em outras áreas, como a sala de aula, a cantina e o pátio (PORVIR, 2016).

Esses resultados evidenciam que a *internet* e as novas tecnologias, em geral, são tão familiares para os(as) jovens quanto o mundo escolar. A exemplo disso, são outros dados da Pesquisa Juventude Conectada 2, desenvolvida pela Fundação Telefônica, em 2016, que encontrou na fala de 85% de 1.440 entrevistados/as, o celular como principal dispositivo de acesso à *internet* em casa, mas que na escola esse número cai para 37% (FUNDAÇÃO TELEFÔNICA VIVO, 2016). Desses dados, também podemos notar que a escola se encontra despreparada, em termos estruturais, para usar os dispositivos móveis e rede wifi. Outra

pesquisa indica que, “entre os entrevistados, só 31% disseram que acessam a *Internet* pelo celular, e 61% dos diretores afirmaram que o uso do WiFi é proibido aos alunos” (KLIX, 2017, p.70).

Esses jovens e crianças têm, em sua grande maioria, um dos motivos se encontrarem cada vez mais conectados (as) às novas distrações criadas diariamente para o entretenimento via *internet*. Além disso, presenciam um leque de ações educativas que criam e expandem políticas sociais, vendo jovens de todo o mundo protagonizarem manifestações políticas na *internet* e fora dela. Trata-se de uma “geração que cresce simultaneamente com as tecnologias digitais” (VALLE, AZAMBUJA & CARPEGIANA, 2017; p. 21). As mesmas autoras, Valle, Azambuja e Carpegiana (2017, p. 21), aqui reforçam essa percepção e narram bem essa nova conjuntura: “seja na forma como se relacionam, como se divertem, como se manifestam ou como aprendem, a *Internet*, as redes sociais e os aparelhos eletrônicos têm um papel essencial no cotidiano das juventudes”.

Essa visão das autoras configura o papel que esses novos aparatos tecnológicos representam, o que a sociedade se encontra em constante evolução, o que torna os serviços e informações mais exigentes. A sociedade passa a cobrar mais conhecimentos e habilidades voltadas para essa área da digitalização. Nossas “vidas reais” estão cada vez mais interligadas a vida digital, os serviços físicos e os conectados, o contato físico e o virtual, a aprendizagem presencial e a virtual (MORAN, 2007, p. 8).

Essas tecnologias chegam transformando tudo a sua volta. A exemplo disso, temos no universo do trabalho, novas profissões que têm a *internet* como matriz e principal elemento para sua existência e que mais cresce diariamente. Algumas dessas profissões, embora não sejam ainda reconhecidas pelos órgãos de fiscalização do mundo do trabalho, como uma profissão, movimentam milhões de dinheiro em publicidade, são eles: *Youtubers*, Blogueiros (as), *digital Influencers*, os quais passam conceitos de moda, hábitos, gostos, para seus seguidores.

Nas formas de se comunicar também impactou, com o surgimento das redes sociais e aplicativos diversos. A sociedade adquiriu novas formas de se relacionar com o outro sem nem sair de onde está. Redes Sociais como o *Facebook*, *Whatsapp*, *Instagram*, entre outros têm 62% dos brasileiros na ativa. O que os dados recentes da empresa *We are Social e Hootsui* e a mais nova coleção de relatórios da Global Digital (2019) revelam que a cada 1 segundo surgem 11 novos (as) usuários (as), o que gera 1 milhão de usuários (as) novos por dia. A pesquisa também aponta que há 5,11 bilhões de usuários (as) móveis únicos no mundo hoje, um

aumento de 100 milhões (2%) no ano passado. Já a *internet* é de 4,19 bilhões em 2019, de 2018 para 2019 um crescente de 366 milhões, cerca de 9% em relação a janeiro do ano passado. As mídias sociais com 3,48 bilhões, em 2019 com o total mundial crescendo em 288 milhões (9%) desde o ano passado. As mídias sociais através dos dispositivos móveis, 3,26 bilhões de pessoas usam mídias sociais em dispositivos móveis em janeiro de 2019, com crescente de 297 milhões de novos usuários, 10% o aumento anual. A pesquisa também indica: “Em média, os usuários da *Internet* gastam 6 horas e 42 minutos on-line todos os dias”. Estas informações descrevem o atual momento e o impacto que essas ferramentas têm causado na sociedade. Contudo, é importante aceitar que: “Se você não deixar a *internet* entrar em sua sala de aula de uma maneira organizada, estruturada e determinada pelo docente, ela virá embutida no dia a dia e até no comportamento dos alunos”. (ESCOLA WEB, 2014)⁸. Moran também ressalta:

Os mundos físicos e virtuais não se opõem, mas se completam, integram, combinam, numa interação cada vez maior, contínua, inseparável. Ter acesso contínuo ao digital é o novo direito de cidadania plena. Os não conectados perdem uma dimensão cidadã fundamental para sua inserção no mundo profissional, nos serviços, na interação com os demais (MORAN, 2007, p. 8).

De modo consequente, se a escola é um espaço de formar e desenvolver cada indivíduo em seu aspecto cultural, social e cognitivo, ela precisa estar em constante mudanças, para acompanhar seus (suas) discentes, que conforme o tempo, mudam-se suas culturas, formas de aprender e sociedade a qual estão inseridos. Inclui-se, aqui, os (as) estudantes de escolas do campo.

De acordo com Carbonell (2002, p.16), “não se pode olhar para trás em direção à escola ancorada no passado em que se limitava ler, escrever, contar e receber passivamente um banho de cultura geral. A nova cidadania que é preciso formar exige, desde os primeiros anos de escolarização, outro tipo de conhecimento e uma participação mais ativa”. A sociedade mudou, os estudantes mudaram e a escola (inclusive a escola do campo) precisa mudar para acompanhar os desafios atuais que envolvem o uso de tecnologias em sala de aula. É preciso que esses mecanismos sejam integrados à sala a realizar uma aula em prol de um aprendizado de qualidade. Nas palavras de Cortella, (2016, s.p): “Se a escola ficar parada, não for provocativa, instigadora, não anda, não evolui, fica fragmentada e ameaçada à repetições”. Partindo desse pensamento de Cortella, a escola tem que ser um espaço de inovação,

⁸ Ver site em: <<https://www.escolaweb.com.br/blog/papel-do-professor-nos-tempos-de-internet/>>

objetivando sempre a perspectiva de acolher o “novo” para produção de qualificação do ensino, e não o ignorar ou subestimá-lo.

3.2 O uso da *internet* e de aparelho celular em sala de aula: a tecnologia como auxiliadora do trabalho docente

O uso de *internet* e de aparelho celular na escola, em geral, é vista mais para o entretenimento que para a produção de conhecimentos, por elas chegarem e serem mais utilizadas pelos jovens e crianças, por ser novidade, por conter acesso a informações diversas, de relacionamentos afetivos, a dependência demasiada à *internet*, o vício aos jogos online e a redes sociais. Tudo isso gerou, ao longo dos últimos anos e ainda gera, por alguns, uma ideia equivocada das tecnologias, particularmente a *internet*, como ‘objeto (s) demoníaco (s)’, como encontramos no desabafo de uma docente participante desta pesquisa. Freire, lá em 1984, já fazia uma advertência sobre essa visão “o avanço da ciência e da tecnologia não é tarefa de demônios, mas sim a expressão da criatividade humana” (FREIRE, 1984a, p.1). Millôr Fernandes (ano e página), ao referir-se ao uso de tecnologias, disse: “A nós, vocês e eu, boquiabertos diante das maravilhas da tecnologia, convém não esquecer; a linguagem escrita foi a primeira *Internet*”. Ambas citações destacam o poder da tecnologia. Enquanto a de Freire ressalta que ela é de autoria do ser humano por estar sempre inovando e criando coisas novas para favorecer a vida humana, a de Fernandes explica e desperta o pensamento de que as tecnologias sempre fizeram parte da humanidade, sendo alteradas, substituídas, inventadas a todo instante. Desde o descobrimento da roda, da escrita, da caneta, caderno, e etc. Enfim, encarar a *internet* como uma invenção do ser humano, que precisa de adequações e de muitas práticas para sua efetiva e qualificada aplicação é que é o segredo.

Nesse raciocínio, podemos dizer que tudo o que foi feito pelo ser humano é, em alguma medida tecnologia. Entendo que a *internet* não é “bicho de sete cabeças” e pode ser útil como ferramenta pedagógica, apoiando no trabalho docente. Freire (1968) também alertava o fato de que não se pode pensar que elas, as tecnologias, são as únicas alternativas capazes de oferecer sucesso, mas que tê-las como inimigas seria burrice. Se faz necessário refletir e discutir sobre suas potencialidades, pois esta quando aliada à Educação vai além de mais uma ferramenta de ensino. Seu uso pode contribuir para orientar e formar sujeitos críticos, autônomos e protagonistas diante desta. Com isso, quero dizer que a tecnologia, em si, não é boa nem ruim. Seu uso é que pode ser pedagógico ou equivocado. Segundo Castells (1999, p. 69):

As novas tecnologias da informação [TICs] não são simplesmente ferramentas a serem usadas, mas processos a serem desenvolvidos. Usuários e criadores podem tornar-se a mesma coisa. Dessa forma, os usuários podem

assumir o controle da tecnologia como no caso da *Internet* [...] há, por conseguinte, uma relação muito próxima entre os processos sociais de criação e manipulação de símbolos (a cultura da sociedade) e a capacidade de produzir e distribuir bens e serviços.

Penido, no site do porvir, explica a contribuição que as tecnologias podem propiciar aos professores e professoras, e ressalta que essas ferramentas são confirmação de uma metodologia diversificada, na qual o(a) professor(a) poderá disponibilizar para atender as demandas da sala, visto que o uso da *internet* pode contribuir para avançar na superação de três grandes desafios da educação: “a equidade, onde se trabalhará com a personalização, a qual permitirá maiores chances de que cada aluno ter o direito de aprender de forma diferenciada, em seu tempo e ao seu modo”. O que Penido vem explicar:

Não por acaso, a personalização do ensino, ou o ensino personalizado, tem se mostrado uma das tendências mais fortes da educação no Brasil e no mundo. O termo se refere a uma série de estratégias pedagógicas voltadas a promover o desenvolvimento dos estudantes de maneira individualizada, respeitando as limitações e os talentos de cada um. Ele leva em consideração que os alunos aprendem de formas e em ritmos diferentes, já que também são diversos seus conhecimentos prévios, competências e interesses (PENIDO, 2017, n.p.)

O segundo desafio a ser cumprido ao adotar essas ferramentas, segundo a autora, é a qualidade das aulas que terá:

Um conjunto de recursos mais ricos, interativos, dinâmicos, que ajudam o aluno a compreender e utilizar o que aprende, além de todo o apoio ao professor na construção de estratégias pedagógicas mais eficazes e disponibilidade a toda hora, em qualquer lugar, inclusive dando mais autonomia para o aluno (coconstrutor) (PENIDO, 2017, n.p.).

Como explica a pesquisadora, o (a) aluno (a), assim, deixa de ser apenas um (a) mero (a) recebedor (a) de informações para se tornar um (a) construtor (a) de seu próprio saber, pois o uso dessas tecnologias não significa apenas utilizar uma ferramenta de planejar as aulas, mas que sirva para manuseio dos próprios (as) alunos (as) na sala de aula, de modo a ensiná-los, de maneira crítica e reflexiva, sobre a autonomia e o poder de criar, inovar e escolher suas informações. E o terceiro motivo, por estar por dentro da contemporaneidade.

Porém, independente da pluralidade de metodologias e benefícios que a *internet* e o uso dos aparatos digitais na sala podem trazer, a escola parece caminhar com passos lentos para a inserção dessas tecnologias. Segundo Saccol, Schlemmer e Barbosa (2011, p. 30): “em boa parte

das instituições formais de ensino o uso dos aparelhos celulares é restrito, por uma espécie de convenção social. ” Como disseram os autores, em alguns estados a Lei Nº 8.949, de 03 de novembro de 2009, que proíbe o uso dos aparelhos celulares na escola, já está vigente. Assim, parece que as escolas estão na contramão do desenvolvimento tecnológico já disseminado e utilizado em outros espaços sociais.

Com o uso da *internet*, possuir informação está ao alcance de todos (as), isso demanda a mudança de postura docente: o (a) professor (a) não é mais aquele (a) que domina o conteúdo, mas o que facilita e apoia o desenvolvimento dos processos de aprendizagens dos (as) alunos (as). Essa é a perspectiva da Base Nacional Comum Curricular (2017), que aponta para a necessidade, na escola, da construção de “novas formas de relação com o mundo, novas possibilidades de ler e formular hipóteses sobre os fenômenos, de testá-las, de refutá-las, de elaborar conclusões, em uma atitude ativa na construção de conhecimentos” (BRASIL, 2018, p.58).

A partir desse prisma, o uso da *internet* e aparelho celular em sala podem contribuir para que os (as) estudantes desenvolvam as habilidades de pesquisar, pensar, resolver problemas e refletir sobre mudanças que acontecem ao seu redor. O uso de tecnologia em sala de aula pode ajudar a criar um elo entre conhecimentos acadêmicos, conhecimentos vivenciados e trazidos pelos (as) alunos (as), ocorrendo assim trocas de aprendizagens entre professor (a) e aluno (a) (SANTOS, 2015, p. 14). Quando o professor não é o centro o aluno não teme, a aula se torna mais interessante, atrativa, alcança melhores resultados. Como diz Penido “a efetiva participação dos estudantes melhora a escola, dá mais sentido à aprendizagem prepara para a vida” (PENIDO, 2017, p. XX).

O uso de tecnologias também está prevista na atual política curricular brasileira. Segundo a BNCC (BRASIL, 2017), existem algumas “aprendizagens essenciais”, ali chamadas de competências, que todos (as) os (as) estudantes devem adquirir ao longo da escolarização, entre elas, há o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades na área tecnológica. Enquanto uma diz respeito ao digital como linguagem a ser utilizada, a outra se direciona totalmente à inserção da cultura digital na aprendizagem dos (as) alunos (as), de forma para além da utilização, mas para que os leve à compreensão diante dessas.

Todas essas mudanças provocadas pelo uso de tecnologias em sala de aula trazem questionamentos sobre a postura de qualquer educador (a). O (a) docente se vê diante de uma vasta quantidade de informações, nesse caso, o professor deverá conduzir, mediar e levar o (a) aluno (a) a explorar, a selecionar, interpretar, classificar e usar (BEZERRA, 2004). A questão

não é encher a sala de materiais tecnológicos, e sim a interação, resolução de problemas. Pois segundo Moran (2013, p. 67) utilizar essas ferramentas vai além para fins administrativos nas aulas. É incluí-las em suas aulas, possibilitando e oportunizando os alunos e alunas a conhecê-las para desenvolver suas próprias aprendizagens.

Após apresentar essas reflexões mais teóricas, passo, a seguir, a apresentar os caminhos metodológicos desta pesquisa e, em seguida, a descrever e analisar os dados coletados a partir dos questionários aplicados com docentes de escolas do campo.

4. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Este TCC caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa. Através desse universo de pesquisas qualitativa, optei em realizar um questionário com 10 docentes em duas Escolas do Campo. Para Severino (2010, p. 125), o questionário é como “um conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre o assunto em estudo”. Para Gil (2004), questionário pode ser definido como “uma técnica de 2 investigação social, que tem um conjunto de questões submetidas a um indivíduo, com o intuito de coletar informações, tais como conhecimentos, expectativas ou interesses”.

Assim, como estratégia de coleta de dados, o questionário foi elaborado e estruturado com dez perguntas feitas aos (às) docentes do ensino fundamental I e educação infantil e EJA. O intuito foi de conhecer suas percepções e familiaridades com o uso de tecnologias, particularmente a *internet* e o aparelho celular, e, também, se é como esses (as) professores (as) trabalham em suas aulas com essas tecnologias.

4.1- Caracterização do campo da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida em duas escolas do campo, localizadas na zona rural, no município da cidade de Sobrado, interior do estado da Paraíba. Desse modo, a seguir, apresento a caracterização de cada uma delas.

4.1.1 Escola 1

A escola 1⁹, funciona desde 1987 e atende, atualmente, 68 alunos (as), sendo 5 crianças com deficiência, nos turnos: manhã, tarde e noite, A escola oferece o Ensino Fundamental I e Educação de Jovens e Adultos (EJA). A escola oferece o Programa Mais Educação. A gestora da escola possui graduação em Pedagogia.

De materiais tecnológicos, a instituição possui TV, copiadora, retroprojektor, impressora, aparelho de som, câmera fotográfica/filmadora e disponibiliza rede de *internet* sem fio, todavia essa *internet* tem uso restringido ao corpo docente e à direção. Quanto à estrutura física, a escola é composta por 4 banheiros (2 femininos e 2 masculinos), 04 salas de aula, 01

⁹ Dados obtidos através de um pequeno questionário sobre os aspectos estruturais da escola campo da pesquisa.

Diretoria, 01 Secretaria, 01 Sala de informática, 01 Cantina, 01 Sala de almoxarifados, 01 Quadra, 01 Pátio. Nesta não há uma sala específica para a leitura, que acontece na sala de aula, com os “cantinhos de leitura”. A escola não possui laboratório.

A escola possui 10 funcionários efetivos e 10 contratados, sendo assim classificados: Período matutino: 2 professores (as), 1 vice-diretora, 1 secretária, 1 merendeira, 1 auxiliar de serviços e 1 apoio pedagógico. No vespertino: 2 professores (as), 1 secretária, 2 auxiliares de serviços, 1 coordenadora, 1 merendeira, 1 diretora. Turno noite: 1 professora (a), 2 vigias, 1 merendeira e 1 auxiliar de secretaria. A escola recebe apoio técnico da prefeitura do município e recursos do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE). A escola não possui Projeto Político Pedagógico.

Em relação às políticas de educação do campo, a escola é beneficiada em alguns aspectos, embora no município não existe esse olhar diferenciado para o campo. Segundo as informações adquiridas com a diretora, a escola, mesmo sendo localizada no campo, onde a maioria das famílias e estudantes da instituição trabalham no campo, vivem da agricultura, não há o olhar para a educação do campo, sendo estruturada com as demais escolas da zona urbana localizadas no município. Os planejamentos, reuniões e livros didáticos são iguais para todas as escolas, tanto as da cidade como as da zona rural. O que muitos professores (as) que trabalham nesta (os quais foram sujeitos da pesquisa) dizem é se a realidade os (as) alunos (as) são todas iguais do município como um todo, pois até o material dado é igual para todos (as). Contudo, os (as) professores (as) afirmam que sempre buscam adotar metodologias que relacionem os conteúdos escolares à realidade sociocultural de cada um (a) deles (as), problematizando e construindo conhecimentos condizentes com a realidade do campo.

4.1.2 Escola 2

A Escola 2 também é uma escola municipal de Educação infantil e Ensino Fundamental I. Onde está localizada também no mesmo município da escola 1, porém em outro sítio, não muito distante da outra. De materiais tecnológicos, a instituição possui TV, copiadora, retroprojetor, impressora, aparelho de som, câmera fotográfica/filmadora e tem disponível rede de *internet* sem fio (que também é de uso restrito ao corpo docente e à direção). A instituição possui 48 estudantes nos turnos: manhã, que funcionam as turmas de 2º ao 4º ano; tarde, Pré I e II e 1º ano; e noite, a EJA do 1º ao 5º ano. Assim como a escola 1, também é multisseriada. Na

escola só há 2 salas de aula. A gestora da escola possui Licenciatura em Letras Português. A escola foi fundada em 1947.

A estrutura física da escola é composta por 2 banheiros (1 feminino e 1 masculino), 02 salas de aula, 01 Diretoria, 01 Secretaria, 01 Sala de informática, 01 Cantina, 01 Sala de almoxarifado, 01 Quadra e 01 Pátio. A escola possui 8 funcionários (as) efetivos (as) e 5 contratados (as), assim distribuídos (as): pela manhã, 2 professores (as), 1 merendeira, 2 auxiliares de serviços. À tarde, 2 professores, 2 auxiliares de serviços e 1 direção. À noite, 1 professor, 1 vigia, 1 auxiliar de serviços gerais. A escola recebe apoio técnico da prefeitura municipal de Sobrado e do PDDE. A escola 2 também não possui Projeto Político-Pedagógico. A escola tem, entre os (as) seus estudantes, 3 crianças com deficiência, mas não existe um trabalho específico para elas. Não há cuidadores (as), nem salas apropriadas para o trabalho com essas crianças.

Assim como na escola 1, na escola 2 também não há um olhar para as especificidades do campo. Alguns docentes relataram que o planejamento se dá de forma ampla, abrangendo todas as escolas do município e adotando métodos apropriados à cultura urbana, mas os (as) professores (as) conseguem modificá-los, adotando reflexões e discussões em volta dessa temática

4.2 Sujeitos da pesquisa

No total, foram entrevistados (as) 10 docentes do Ensino Fundamental I, sendo os (as) 5 primeiros da Escola 1 e os (as) demais, da escola 2. A seguir, um quadro que apresenta as características dos (as) professores (as) sujeitos desta pesquisa. Cabe informar que os nomes utilizados são fictícios, visando resguardar esses sujeitos.

DOCENTE	SEXO	RAÇA/COR	FORMAÇÃO	TEMPO DE ATUAÇÃO NA DOCÊNCIA	IDADE	DISCIPLINA(S) / ANO LETIVO QUE LECIONA
João	(M)	Branco/a	Graduação	09 anos	28 anos	4° e 5° ano (multisseriado)
Paula	(F)	Pardo/a	Graduação	10 anos	35 anos	1° ano
Antônio	(M)	Negro/a	Graduação	25 anos	47 anos	Maternal II e Pré I

Conceição	(F)	Pardo/a	Graduação	11 anos	42 anos	2° e 3° anos (multisseriado)
Fátima	(F)	Pardo/a	Graduação	05 anos	24 anos	5° ano (EJA)
Ana	(F)	Branco/a	Graduação	03 anos	44 anos	1° ano
Márcio	(M)	Negro/a	Graduação	15 anos	52 anos	2° e 3° anos (multisseriado)
Carla	(F)	Branco/a	Graduação	09 anos	35 anos	Pré I e II
Sandra	(F)	Negro/a	Graduação	11 anos	45 anos	4° e 5° anos (multisseriado)
Fábio	(M)	Negro/a	Graduação	07 anos	27 anos	1° ao 5° ano (EJA) (multisseriada)

Fonte: Dados da pesquisa

Assim, para analisar, transcrevi as respostas dos (as) docentes, as quais passo a apresentar no próximo item.

5. O QUE DIZEM OS(AS) DOCENTES SOBRE O USO DA *INTERNET* E APARELHO CELULAR NA SALA DE AULA EM ESCOLA DO CAMPO?

Neste tópico, apresento os resultados da pesquisa. As respostas, a seguir, estão agregadas. Vale salientar que não há intencionalidade de comparação entre as falas, mas de refletir sobre o tema deste trabalho a partir das falas dos (as) professores (as) pesquisados (as). Em relação à primeira questão, que visava identificar o que eles (as) pensam sobre o uso da *internet* como apoio pedagógico, as respostas foram as seguintes:

João- *Eu acredito que a internet pode contribuir muito para o desenvolvimento da educação, mas vai depender do uso que se faz dela. Tanto encontramos coisas boas, quanto ruins.*

Paula- *É imprescindível, pois tornou uma ferramenta de suporte pedagógico, desde o diário aos sites de pesquisa.*

Antônio- *Não há como não viver sem usar tecnologia em sala de aula.*

Conceição- *É fundamental, pois nos ajuda muito em pesquisas, tanto para atividades, como para nosso aprendizado, além de suporte para vídeos, músicas, imagens.*

Fátima- *Muito importante para o processo de ensino aprendizagem, no processo de escolarização, além de tornar as aulas atrativas e dinâmicas.*

Ana- *Considero de total importância utilizar. O mundo está cada vez mais conectado. Embora encontramos desafios quanto ao uso, eu tento me aproximar delas diariamente.*

Márcio- *É muito importante. Ela quando utilizada da forma pedagogicamente correta, pode ser muito poderosa para o aprendizado.*

Carla- *É necessário e ajuda muito na construção da aula, da capacitação.*

Sandra- *Ajuda muito. Se faz cada vez mais necessário incluí-la em nossas práticas docentes.*

Fábio- *Essencial. Uma vez que precisamos inseri-la cada vez mais.*

Podemos identificar, através das respostas dadas ao questionário, que os (as) professores (as) pesquisados (as) consideram a *internet* uma ferramenta potente de apoio ao (à) trabalho pedagógico do (a) professor (a). O que eu considero importante, pois como traz a BNCC, essa ferramenta nos possibilita “novas formas de relação com o mundo, novas possibilidades de ler e formular hipóteses sobre os fenômenos, de testá-las, de refutá-las, de elaborar conclusões, em uma atitude ativa na construção de conhecimentos” (BRASIL, 2018, p.58).

Apesar de dois professores (as) trazerem uma ressalva sobre os desafios que estas ainda se apresentam, tanto no que diz respeito ao seu uso quanto pela falta segurança que esses

profissionais ainda têm com esta. Esclarecendo que a eficácia dessa inserção dependerá, exclusivamente, de como o profissional, na sala de aula, vai trabalhar.

Na questão seguinte, busquei identificar se esses (as) professores (as) possuem familiaridade com a *internet*. Para essa questão, as respostas são as seguintes:

João-Sim. *A internet está sempre presente no meu dia a dia, seja como ferramenta de trabalho ou como lazer nas horas vagas. Utilizo muito as redes sociais.*

Paula-Um pouco, pois eu gosto de usar atividades impressas na minha rotina e para tanto há a necessidade de familiarizar-se.

Antônio-Um pouco, estou buscando. Pois há carência de alguns mecanismos em todas as escolas.

Conceição- Sim. *É de grande importância para fazer pesquisas pedagógicas e teóricas, além de facilitar para uso profissional (e-mail, blog, artigos, cursos online (EAD), entre outros).*

Fátima-Sim. *Tenho há um bom tempo. Pois utilizo muito o Gmail, Whatsapp, Facebook e Instagram.*

Ana- Sim. *Muito. Além de possuir todas as redes sociais. Preciso muito dela para pesquisar materiais de planejamento didático.*

Márcio- Sim. *Bastante. Usufruo de todas as redes sociais.*

Carla- Sim. *Além de fazer parte do nosso dia a dia, defendo e agradeço por ela existir.*

Sandra- Sim. *A cada dia procuro desenvolver uma relação de intimidade e conhecimento.*

Fábio-Sim. *Pois é muito importante ter. Já que é uma ferramenta tão atual.*

Como podemos notar, a grande maioria das respostas foram positivas, nas quais os (as) docentes relataram ter algum tipo familiaridade com a *internet*, elencando sua importância para uso profissional, pessoal, e ainda para se qualificar. Entretanto, as justificativas, logo em seguida, revelam que essa familiaridade, na grande maioria, fica pautada apenas no acesso às redes sociais para entretenimento, uma vez que, para essa finalidade a maioria diz usar com total confiança e costume. Aqui cabe um destaque para a resposta do Professor “Antônio”, na qual encontramos desabafos sobre as limitações estruturais da escola que impedem a eficácia do uso dentro da instituição. O que a pesquisa de fato vem destacar que, infelizmente, essa ainda é a realidade do Brasil.

Ao serem questionados (as) se possuem redes sociais e, em caso afirmativo, quais seriam, os (as) professores (as) disseram:

João-Sim. *Facebook, Instagram, Whatsapp, etc.*

Paula- Sim. *Gmail, hotmail, facebook, Instagram e Whatsapp.*

Antônio- *Sim. Email, facebook, Instagram e Whatsapp.*

Conceição- *Sim. Facebook, Instagram e whatsapp.*

Fátima- *Sim. Gmail, Whatsapp, Facebook e Instagram.*

Ana- *Sim. Email, facebook, Instagram e Whatsapp.*

Márcio- *Sim. Tenho Gmail, Whatsapp, Instagram e Facebook.*

Carla- *Sim. Sim. Facebook, Instagram e whatsapp.*

Sandra- *Sim. Gmail, Whatsapp.*

Fábio- *Sim. Whatsapp, Instagram e Gmail.*

Como podemos perceber, todos (as) os (as) docentes foram unânimes em suas respostas ao dizerem que possuem redes sociais. Ao serem questionados se, em suas práticas pedagógicas, utilizam a *internet* como ferramenta de ensino, os professores (as) disseram:

João- *Sim. Utilizo a internet para planejar as minhas aulas. Da internet costumo baixar textos, vídeos, músicas, propostas de atividades e até mesmo leio experiências docentes de diversos profissionais do Brasil. Tenho aprendido muito!*

Paula *Um pouco, para minhas pesquisas e para pesquisas dirigidas aos alunos.*

Antônio *Pouco. Músicas, atividades pesquisadas, etc.*

Conceição *Sim, utilizo sempre através dela pesquisa músicas, vídeos, histórias e ideias.*

Fátima *Ainda não. Mas pretendo usá-la, pois vivemos em uma 'Era da tecnologia' e não posso ficar de fora desta realidade.*

Ana- *Sim. Para pesquisar e baixar atividades para xerox.*

Márcio- *Nem sempre. A escola não tem uma internet boa. A utilização dela por mim é feita em casa.*

Carla- *Sim. Utilizo a internet para baixar vídeos, textos, atividades, enfim materiais diversos.*

Sandra- *Sim. Uso muito para buscar ideias inovadoras, vídeos e materiais.*

Fábio- *Um pouco. Utilizo para baixar músicas e ideias.*

Considero que os (as) docentes utilizam a *internet* para a busca de materiais, em geral, limitando-se a isso. Entende-se também que os (as) professores (as) acreditam na potencialidade da *internet*, mas quando perguntados (as) se usam na sala de aula com os alunos (as) como ferramenta de trabalho, incorporadas em seu currículo, manuseando-as durante as aulas para o processo de ensino-aprendizagem, fica nítida a falta de afinidade e familiaridade dos (as) docentes. O que é lamentável, pois a *internet* pode ser um rico e potente recurso didático a partir do qual os (as) alunos (as) aprendem de modo mais dinâmico, de forma

individualizada, pois sabemos que a sala de aula nunca foi e nem será heterogênea, pois cada aluno (a) possui formas diferenciadas de aprender.

A *internet* também pode proporcionar autonomia para os (as) discentes no que diz respeito aos processos de aprendizagem, numa perspectiva de educação conforme proposta por Grispun (1999) relatado pelo site Brasil Escola¹⁰:

A educação faz parte desse tecido social e sua participação no contexto da sociedade é de grande relevância, não só pela formação dos cidadãos que atuam nesta sociedade, mas e principalmente, pelo potencial criativo que ao homem está destinado no seu próprio processo de desenvolvimento. (GRINSPUN, 1999 apud SITE BRASIL ESCOLA, 2019).

Na pergunta seguinte, indaguei sobre a opinião dos (as) docentes sobre o uso do aparelho celular pelos (as) estudantes em sala de aula. Para essa pergunta, obtive as seguintes respostas:

João- *O celular pode ser usado para estudar, pesquisar, porém, muitos alunos só utilizam para brincar, jogar.*

Paula *O celular pode ser usado sim! Porém de forma orientada e específica, pois quando não, deve estar desligado ou no silencioso.*

Antônio- *Deve ser de maneira cautelosa.*

Conceição- *Depende da situação. Se for para uso pedagógico e de aprendizagem é uma ótima ferramenta, pois hoje em dia devemos ter muito cuidado com o conteúdo.*

Fátima- *As tecnologias podem ajudar por um lado, mas também atrapalhar por outro. Já que a internet é um ambiente aberto.*

Ana- *Os celulares quando trazidos à sala são guardados na bolsa. Há uma lei específica sobre a proibição desses aparelhos e nossa escola adotou tal lei.*

Márcio- *Por mais que a escola proíba o uso pelos discentes, nunca tentei utilizar mas acredito que é uma boa ferramenta de ensino.*

Carla- *Os alunos costumam usar com bastante frequência para jogar, entrar nas redes sociais e etc. Mas estamos sempre os orientando ao manuseio correto.*

Sandra- *Não tenho problemas, pois são a minoria que possui celular e eles só utilizam na hora do recreio.*

¹⁰ Ver site em: <<https://monografias.brasilescola.uol.com.br/educacao/o-computador-na-sala-aula-uma-pesquisa-03-escolas-brasileiras.htm>>

Fábio- Por serem pequenos, ainda não possuem aparelho, nem maturidade para uso, porém usamos o laboratório para introduzir a internet gradativamente.

De acordo com as respostas dos (as) docentes, podemos destacar que para esses(as) profissionais o aparelho celular pode ser uma ferramenta de ensino, porém ainda não sabem como lidar com essas ferramentas em sala de aula. Dessa forma, os objetos tão desejados e são utilizados pelos alunos e alunas de “forma errada” e por isso a escola proíbe seu uso na sala de aula. A questão é que esses (as) jovens já nasceram nessa época digital, estão acostumados a manusear o celular com uma familiaridade intensa. Como mostra o estudo no site do Porvir:

Os adolescentes e jovens querem uma escola mais flexível, dinâmica e com atividades práticas. A vontade de usar e aprender sobre tecnologia, por sua vez, é uma das tendências mais marcantes nas respostas dos alunos. Esse desejo é expresso quando pensam sobre a infraestrutura – 51% dizem que não pode faltar tecnologia em todos os espaços da escola. Para os estudantes, o uso de recursos tecnológicos não deve se limitar ao laboratório de informática, mas pode ocorrer em outras áreas, como a sala de aula, a cantina e o pátio (Porvir, 2016, s.p)

Como nos diz o exposto estudo, não podemos negar ao nosso alunado o uso de algo que faz parte de sua cultura. Segundo Freire é preciso valorizar os conhecimentos e saberes trazidos de casa pelos alunos (as) e que as aulas sejam dinâmicas, instigando sua realidade, os tornando seres capazes de refletir sobre a dinâmica atual da sociedade a qual todos (as) estão inseridos (as). Por isso, a importância desses objetos que são atuais e constituintes da vida desses (as) discentes serem incluídos para questioná-los (as) sobre suas posições quanto a essa relação.

O próximo questionamento foi sobre como esses (as) profissionais lidam com os aparelhos celulares dentro da sala de aula, e as respostas foram as seguintes:

João- Como são pequenos, não utilizam.

Paula- Na minha sala nenhum faz uso, às vezes utilizam o meu, quando os pais demoram para buscar a criança.

Antônio- Os meus alunos são de faixa etária entre 4 a 10 anos de idade e nenhum possui celular.

Conceição- Os alunos não utilizam em sala, pois é proibido seu uso em sala de aula.

Fátima-A escola proíbe o uso dentro de sala de aula, a não ser quando o utilizamos como ferramenta pedagógica.

Ana- Eles amam jogar pelo celular, mexer nas redes sociais e uma vez ou outra os pego fotografando o quadro e os colegas.

Márcio- Eles gostam de ficar com o celular em cima das carteiras mesmo sabendo que é proibido. Parece ser uma ferramenta de ostentação para eles.

Carla-Não tenho problemas. Meus alunos são muito pequenos, não utilizam o celular.

Sandra- Os celulares trazidos por eles são guardados. Portanto, não tenho problemas com isso.

Fábio- Meus alunos são muito pequenos, não possuem celular.

Como podemos notar, a maioria dos (as) professores (as) dizem não ter problemas com o uso desse aparelho e os motivos se resumiram em dois: 1) por as crianças serem pequenas e não saberem mexer nos aparelhos; e 2) por o uso ser proibido na escola, o que obriga os (as) estudantes a obedecerem à lei, guardando esses objetos na bolsa e só utilizando na hora do intervalo ou da saída. Porém, mesmo existindo esse regimento na escola, nas aulas dos (as) professores (as) Ana e Márcio, uma vez ou outra, ainda há alunos (as) que são vistos com essas ferramentas fotografando, filmando, e sendo exaltados como objeto de ostentação. Através dessas respostas notamos o desejo e a estima que esses aparelhos celulares têm na vida das crianças e dos (as) jovens.

Outro fato que me impressiona é que na resposta da questão anterior, quando perguntado sobre a opinião de cada docente sobre o uso desses aparelhos, a maioria disse ser fundamental e essencial sua inclusão, mas quando vão falar da prática pedagógica, todos dizem não usar. Nessa direção, Saccol, Schlemmer e Barbosa (2011, p. 30), afirmam que: “Em boa parte das instituições formais de ensino o uso dos aparelhos celulares é restrito, por uma espécie de convenção social”. É como se a educação demorasse a acompanhar as mudanças que ocorrem na sociedade. Um exemplo disso, é a Lei Nº 8.949, de 03 de novembro de 2009, que proíbe o uso dos aparelhos celulares na escola. A proibição restrita não permite o uso pedagógico desses aparelhos. Nesse sentido, diz Moran (2000): “a educação, como as outras instituições, têm se baseado na desconfiança, no medo de sermos enganados pelos alunos, na cultura da defesa, da coerção externa”, o que, em meu ponto de vista, precisa mudar.

A *internet* e os celulares são, em geral, vistos como uma distração e, essa percepção prejudica potencializar o seu uso pedagógico. Nesse sentido, cabe destacar que a BNCC exige que os (as) docentes incluam a *internet*, de forma profunda, não apenas como um objeto de complemento para a realização das tarefas, mas para inserir nossos (as) alunos (as) nessa nova cultura (BRASIL, 2017). É preciso enxergar as várias utilidades e benefícios que o uso das

tecnologias pode proporcionar, inclusive para qualificar a educação ofertada nas escolas do campo, para divulgar seus saberes, suas práticas, além de permitir trocar experiências.

Na questão seguinte, busquei saber se os (as) docentes incluem os celulares ou a *internet* nas atividades educativas diversificadas, como na produção de áudios e vídeos ou na busca por informações e uso de jogos educativos e o que eles (as) pensam dessas ferramentas em sala de aula. Foram dadas as seguintes respostas:

João- *Sim. É importante o uso dessas ferramentas na sala de aula, pois deixam as aulas mais atrativas e dinâmicas e os alunos gostam muito.*

Paula-*Uso apenas para pesquisas extra classe, pois todos não possuem o recurso (aparelho).*

Antônio- *Sim. São fundamentais. Celular- Sim, várias vezes, diariamente. Acho de suma importância, me auxilia demais nas minhas aulas.*

Conceição- *Não, mas acredito ser um atrativo a mais na sala, pois a internet permite um mar de possibilidades para novas aprendizagens.*

Fátima- *Acredito muito em sua importância. Porém, o uso vai depender de como o professor vai lidar com elas.*

Ana- *Muito importantes. Servem muito para enriquecer a aulas.*

Márcio- *Não. Porém pretendo, pois devemos acompanhar a sociedade a qual nossos alunos estão inclusos.*

Carla- *Ainda não, pois aqui não tem estrutura. Mas acho indispensável.*

Sandra- *Não. Uso apenas para pesquisas. Mas acredito que são fortes ferramentas.*

Fábio- *Não. Mas pretendo usar.*

Como podemos notar, a maioria dos (as) docentes pesquisados (as), mais uma vez, manifestaram-se considerando essas ferramentas importantes, indicando, ao mesmo tempo, que ainda não conseguiram aplicar isso em prática. Alguns, ainda, dizem que, como docentes, utilizam a *internet* para publicar suas práticas pedagógicas nas redes sociais. O único que disse utilizar como ferramenta pedagógica foi o docente Antônio, porém não respondeu em quais atividades e como utiliza. Esses dados me entristecem, uma vez que acredito que a utilização dessas tecnologias trazidas à sala de aula possibilitaria “novas formas de relação com o mundo, novas possibilidades de ler e formular hipóteses sobre os fenômenos, de testá-las, de refutá-las, de elaborar conclusões, em uma atitude ativa na construção de conhecimentos” (BRASIL, 2017).

Ainda é válido salientar que há infinitas possibilidades de usar os aparatos que esses (as) docentes utilizam diariamente para uso pessoal, também em suas aulas, como, por

exemplo, a exibição de vídeos, que permitem apresentar o conteúdo de várias maneiras, adotando várias temáticas e de forma interdisciplinar. No *Youtube*, por exemplo, há uma variada quantidade de materiais que o (a) professor (a) pode utilizar, escolhendo o material de acordo com a realidade dos (as) alunos (as), assim como a faixa etária. O audiovisual é muito atrativo, pois reúne o áudio com distribuição de imagens. Outro exemplo seria, a partir dessa inclusão audiovisual, pedir para que os (as) alunos (as) também se tornem produtores (as) dos próprios vídeos trazidos e assistidos em sala. Nesses vídeos, por exemplo, é possível que os (as) estudantes narrem suas experiências e aprendizados sobre a temática dada em aula, além disso, podem divulgar saberes e experiências da vida campesina, estratégias de economia e associativismo rural, entre tantos outros assuntos que contribuem para divulgar os conhecimentos produzidos no campo.

Além disso, essas ferramentas podem trazer equidade, na medida em que “crianças e jovens com Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou no espectro autista, por exemplo, podem ter problemas para se concentrar integralmente em uma aula tradicional”(Escola Web, 2016). Os vídeos atrairão a atenção deles (as) de uma forma mais dinâmica, ajudando-os(as) consideravelmente na compreensão das matérias” (Escola Web, 2016). A produção de áudio é outro recurso que, quando trazido para dentro de sala de aula, pode ser encantador. Os jogos educativos também cumprem uma função muito interessante.

A próxima questão foi um pouco parecida com a última, pois vai indagar se os professores(as) usam essas ferramentas, mas dessa vez o assunto são os aplicativos existentes, se eles(as) os utilizam como ferramentas de ensino-aprendizagem. As respostas foram as seguintes:

João- *Eu utilizo aplicativos como fonte de consulta para planejar as minhas aulas. Até o momento nunca utilizei na sala de aula como um recurso didático.*

Paula- *Somente para postagem coletiva e informações pedagógicas de interesse coletivo.*

Antônio- *Algumas vezes.*

Conceição- *Sim. De coordenação com carrinhos e de sílabas com imagens.*

Fátima- *Ainda não. Mas pretendo utilizar, pois considero muito importante, pois é atual e todos os jovens já têm familiaridade com ele.*

Ana- *Não. Apenas para postar materiais e ações pedagógicas.*

Márcio- *Ainda não.*

Carla- *Ainda não. Mas acho muito interessante essa idéia.*

Sandra- Nunca utilizei, mas busco estudar para inseri-las no processo de ensino aprendizagem, pois acredito que dê muitos resultados positivos.

Fábio- Não. Mas são muito importantes e necessárias.

Como podemos ver, a maioria dos(as) profissionais pesquisados relataram não utilizar. Apenas os(as) professores(as) Conceição e Antônio responderam afirmativamente. A professora Conceição disse utilizar um de carrinho para o desenvolvimento sociomotor das crianças e o professor Antônio relatou usar “algumas vezes”, mas não especificar esse uso. Diante desse quadro, cabe perguntar o porquê desses aplicativos serem tão utilizados por eles no dia a dia para se comunicarem, pois na resposta da pergunta 03, todos os profissionais das duas escolas pesquisadas têm aplicativos e os utiliza com frequência, mas não utilizá-los como ferramentas educativas? Esses aplicativos trazidos à sala poderiam promover autonomia dos(as) estudantes, além de facilitar o trabalho docente. O site do Porvir traz dois exemplos maravilhosos relatado pela autora KLIX (2017, p. 70) de como as redes sociais podem ser utilizadas em sala de aula, vejamos:

A educadora espalhou em diversos pontos do Instituto Monsenhor Hipólito, em Picos (PI), cartazes com QR codes que apontavam para trechos de um poema. Os alunos do sexto e sétimo anos foram desafiados a procurar os códigos e escaneá-los com seus celulares. Eles deveriam, então, ler as estrofes e juntá-las para analisar o gênero do texto completo. Segundo a professora, os estudantes ficaram “eufóricos” e o projeto significou “um real incentivo à leitura, interpretação de texto e codificação. (Marcos, 2015 apud KLIX, 2017, pág.70)

O outro exemplo é de uma escola do Rio de Janeiro:

Os alunos se dividem em grupos, assistem a vídeo aulas e fazem exercícios criados pelo professor Eric Rodrigues, que são disponibilizados em netbooks para eles. Cada estudante segue o seu ritmo e o professor circula pela sala para tirar dúvidas e provocar reflexões. No seu tablet, o educador consegue acompanhar em que fase do currículo cada aluno se encontra. Outro caso é o do Colégio Municipal de Indaial (SC), onde a tecnologia de videoconferência permitiu que alunos do 4º ano do Ensino Fundamental aprendessem junto com colegas de outros estados. Envolvidos com um projeto sobre animais em extinção, os estudantes apresentaram espécies ameaçadas em suas comunidades para colegas de outras escolas (KLIX, 2017).

O uso das redes sociais pode propiciar aos(as) estudantes uma atitude ativa frente ao próprio aprendizado, potencializando os conhecimentos aprendidos em sala de aula. Acredito

que o uso de tecnologias em aula pode ser útil especialmente para gerar aprendizagens mais autônomas, críticas e reflexivas, uma vez que fazem com que os(as) estudantes busquem por respostas para as questões que lhes são colocadas na aula e na vida.

Ao serem questionados se a escola precisa se adaptar ao uso da *internet* em suas práticas pedagógicas, os(as) docentes respondem:

João- *Com certeza, pois deixa a aula mais dinâmica e atrativa para os alunos. Seria maravilhosos adotar, pois minha sala é multisseriada. Porém, nesse caso, a minha escola precisa melhorar a conexão da internet, pois é muito lenta.*

Paula- *Sim. Com uma internet melhor.*

Antônio- *Com certeza. A internet vem sendo uma ferramenta muito importante para a educação, trazendo interação entre os docentes discentes, auxiliando professores e alunos à uma aprendizagem consistente ao uso adequado e significativo.*

Conceição- *Sim. Pois ainda há muitos espaços despreparados.*

Fátima- *Sim. Precisa estar atenta às mudanças da sociedade.*

Ana- *Sim. Mas para isso tem que ter planejamento com todo corpo docente e discente.*

Márcio- *Com toda certeza. Porém aqui não há uma internet suficiente para que se adote essas práticas.*

Carla- *Sim. Mas a escola daqui não possui estrutura para adotar esse tipo de inclusão. Pois a internet é muito fraca e lenta.*

Sandra- *Sim. Mas não temos uma qualidade de internet nessa escola.*

Fábio- *Sim. Porém não disponibilizamos de internet de qualidade, até para o preenchimento da caderneta online fazemos em casa, por na escola não poder por causa da lentidão da internet.*

Através das respostas dos(as) docentes, podemos notar que as duas escolas não dispõem *internet* de qualidade e que isso limita o trabalho docente de inovar e criar novas metodologias de trabalho a partir do uso da *internet*. Reconheço que muitos(as) professores(as) desenvolvem ótimas práticas pedagógicas utilizando estratégias mais tradicionais e analógicas, mas acredito que, com a geração de pessoas que já nascem conectadas, é indispensável que tenhamos que repensar a escola e as aulas.

Na pergunta seguinte, indaguei se eles(as) se sentem preparados(as) para usar *internet* na sala de aula. Para essa questão, obtive as seguintes respostas:

João- *Sim. planejo as minhas aulas incluindo o uso da internet. Porém aqui na escola a conexão é muito lenta, então quando vou utilizar algum material da internet baixo em casa e levo salvo no meu PC.*

Paula- *Sim. Com um bom planejamento se tem muitas chances de ter uma aula proveitosa.*

Antônio- *Sim. Já uso diariamente, tenho o hábito em casa também.*

Conceição- *Não muito. Além de não ter uma internet de boa qualidade na escola, me sinto um pouco preparada. Acredito que deveria ter um projeto pedagógico antes de inserir o aparelho celular como ferramenta pedagógica.*

Fátima- *Um pouco.*

Ana- *Sim. Mas se faz necessário uma internet de boa qualidade .*

Márcio- *Um pouco. Pois sinto que essas ferramentas têm que ser trabalhadas com muito cuidado. Inserir os celulares requer uma atenção e cuidado em triplo.*

Carla- *Um pouco. Acredito que deva ser ensinado sim a utilizar essas ferramentas, porém o professor tem que estar muito bem preparado.*

Sandra- *Sim. Se a aula for bem planejada é super possível.*

Fábio- *Não muito. Ainda há carência em e muita deficiência para inserir o celular, a internet, aplicativos. Seria necessário um bem pensado planejamento pedagógico.*

Como podemos ver, os professores(as) em sua grande maioria dizem não se sentirem seguros(as) e preparados(as) para utilizar essas ferramentas em sala de aula. A falta de estrutura da escola em termos de tecnologias foi citado pelos(as) docentes como uma das principais razões para esse despreparo. Aqueles(as) que dizem estar preparados(as), como no caso dos professores(as) João, Antônio e Sandra, também ressaltam o mesmo problema. É interessante perceber que mesmo os(as) docentes que dizem estar preparados(as) não ainda não colocaram em prática. O que se percebe é que temos um conjunto de empecilhos nesse caminho rumo a inserção dessas novas tecnologias em nossas escolas, especialmente as do campo. É válido lembrar que há algumas iniciativas governamentais para levar *internet* banda larga à escolas do campo, mas essas propostas ainda não são suficientes. As falas dos(as) docentes participantes desta pesquisa sinalizam que temos um longo caminho a seguir na direção de inovar nas salas de aula em escolas do campo a partir do uso de tecnologias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero de extrema importância o(a) professor(a), especialmente aquele(a) que atuam em escolas do campo, dadas as especificidades desse contexto, planejar aulas diversificadas, incluindo as novas tecnologias ao seu favor para seu uso crítico-reflexivo e para a formação de sujeitos mais autônomos em relação ao seu processo de aprendizagem. É evidente que a sociedade não é mais a mesma de uma década atrás.

Nos meus estágios, observava aquelas salas de aulas e me imaginava como uma aluna, tentando me colocar no papel de discente, foi então que observei que muita coisa mudou desde quando eu estudava naquele ciclo, no fundamental I. As diferenças são notórias, os(as) alunos(as) no intervalo costumam mexer nos aparelhos celulares com a *internet* disponibilizados por dados móveis, as brincadeiras mudaram, a forma como se relacionavam mudou. Desse modo, me dei conta de que as tecnologias se desenvolveram muito rápido, pois “na minha época”, há pouco mais de uma década, minúscula era a quantidade de pessoas que desfrutavam dos aplicativos de relacionamentos já existentes, como por exemplo, o *Orkut* e *MSN*. As tecnologias avançaram, mas ainda não pouco utilizadas nos contextos escolares como apoio à prática pedagógica dos(as) docentes.

Observei, também, que apesar das mudanças tecnológicas, as aulas continuam a ser muito conteudistas. A escola e seu papel intensivo de fazer com que os(as) alunos(as) aprendam uma gama enorme de conteúdos que compõe o currículo, continuam realizando as provas como estratégias avaliativas. No entanto, as provas avaliam muito mais a capacidade de memorização do que de aprendizagem. As carteiras continuam a ser organizadas em fileiras de onde não se vê os rostos dos(as) colegas de classe, apenas o do(a) professor(a). Todas essas observações me levam a entender que a sociedade mudou, mas a escola parece continuar a mesma.

Desse modo, ao construir meu trabalho de conclusão de curso obtive longos aprendizados no decorrer do percurso. Analiso, através dos relatos obtidos dos questionários aplicados que:

- Que se faz necessário pensar e refletir no papel da escola na vida dos(as) alunos(as). Para isso, faz-se necessária a implementação de políticas públicas que possam, de fato, assegurar e dar subsídios para que a escola cumpra seu papel.

- Acredito muito que agregar a realidade que os(as) alunos(as) trazem à escola ao currículo seja um caminho completo de muitos aprendizados e sucesso e que os aparatos tecnológicos podem ser muito úteis para tal finalidade. Utilizar a *internet* e aparelho celular pode sim ser uma ponte que os levará à criticidade e reflexões do mundo no qual estão cercados.
- E ainda, vi que os(as) professores(as) se encontram despreparados(as) para a inserção destas ferramentas. Quando muitos dizem estar, na verdade, não estão. Se limitam a entender a *internet* e recursos tecnológicos apenas como ferramentas de buscas por materiais didáticos, mas quando falamos em inserção desta, os(as) docentes elencam grandes e variados obstáculos.
- Em relação à formação docente, pude perceber que é de extrema importância que sejam criadas oportunidades para que os(as) docentes aprendam a fazer uso educativo das tecnologias desde a graduação.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, no qual tive a oportunidade de ampliar meus conhecimentos sobre a importância de se trabalhar com as novas tecnologias em favor de uma educação de qualidade, pude perceber a importância do uso das tecnologias, da forma correta, para o desenvolvimento de autonomia e do protagonismo dos(as) docentes e discentes, possibilitando assim o posicionamento crítico e emancipatório.

Enfim, reconheço que há muitos desafios pela frente, que as mudanças não virão de repente, mas é preciso ter coragem para começar. Minha proposta não é de que devemos “a todo custo” inserir essas ferramentas na sala, mas falar da importância do profissional da educação estar sempre se questionando para ser capaz de acolher “o novo”. Assim, esse estudo apresenta apenas um pouco das minhas observações com o tema. E é com essa visão que reconheço que eu não posso parar por aqui, buscarei estudar mais sobre o assunto, entender os mecanismos que podem levar um(a) professor(a) a lidar com essa “nova era”.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Anderson Fernandes; **O pensamento de Paulo Freire sobre a tecnologia: traçando novas perspectivas**; V colóquio Internacional Paulo Freire; Recife, 19 a 22-Setembro; 2005.
- ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. (Orgs.) *Por uma Educação do campo*. 4. ed. Petrópolis, RJ. Voz
- ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. ASSMANN, Hugo & MO SUNG, Jung. *Competência e Sensibilidade solidária: educar para a esperança*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. FRANCO, Marcelo Araújo. **Ensaio sobre as tecnologias digitais da inteligência**. SP: Campinas, Papirus, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Fundamentos pedagógicos e estrutura geral da BNCC*. Brasília, DF, 2017. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=56621-bncc-apresentacao-fundamentos-pedagogicos-estrutura-pdf&category_slug=janeiro-2017-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: jan. 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais* Brasília, DF: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: julho. 2016.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 5 de outubro de 1988**. 24ª. ed. São Paulo: Saraiva, 2000. (Coleção Saraiva de Legislação).
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: promulgado em 13 de julho de 1990. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 1999. (Coleção Saraiva de Legislação). BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.
- BARBOSA(a), Alexandre F. **Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil**: TIC Kids online Brasil 2014. São Paulo: Comitê Gestor da *Internet* no Brasil, 2015. Disponível em: <http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Kids_2014_livro_eletronico.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2016
- BEZERRA, Lebiã Tamar Silva de; AQUINO, Mirian de Albuquerque. **Aprender e blogar: reflexões sobre o potencial educativo dos blogs**. In: BRENNAND; Edna Gusmão de Góes; ALBUQUERQUE; Maria Elizabeth Baltar Carneiro. *Formação docente e tecnologias digitais*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2011, p. 75-105.
- CALDART, Roseli Salete. *Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção*. In.: KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo;
- CALDART, Roseli Salete. (orgs.). *Educação do campo: identidade e políticas públicas*. Brasília, DF: Articulação Nacional Por uma Educação do Campo, 2002.

CORTELLA, Mario Sergio. Qual é a tua obra? Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.

DOWBOR, L. **O espaço do conhecimento**. In: **A revolução tecnológica e os novos paradigmas da sociedade**. Belo Horizonte, IPSO, 1993.

DRUCKER, P. **Sociedade pós-capitalista**. São Paulo, Pioneira, 1993.

FERNANDES, Bernardo Mançano; CERIOLI, Ricardo Paulo; CALDART, Roseli Salete. Primeira conferência nacional “Por uma Educação Básica do Campo”, in: FRIGOTTO, G. **A formação e profissionalização do educador frente aos novos desafios**. VIII ENDIPE, Florianópolis, 1996. Pp. 389-406.

FRANCO, Marcelo Araújo. **Ensaio sobre as tecnologias digitais da inteligência**. SP: Campinas, Papirus, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 57ª edição. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2014².

FREIRE, Paulo; FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 21 ed. Paz e Terra, SP, 1996.

Fundação Telefônica Vivo. Inova escola: práticas para quem quer inovar na educação / Fundação Telefônica Vivo. – São Paulo (SP): Fundação Telefônica Vivo, 2016. 139 p., recurso digital <http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/1191.pdf>

IRPAA. **Referencial Curricular de Educação para Convivência com o Semi-Árido**. Bahia: Juazeiro: (mimeo), 2003.

LEOPOLDO, Luís Paulo- Novas Tecnologias na Educação: Reflexões sobre a prática. Formação docente e novas tecnologias. LEOPOLDO, Luís Paulo- Mercado (org.).- Maceió: Edufal, 2002. Cap. 1 Leopoldo, Luís Paulo/ Formação docente e novas tecnologias. 2002

LIBÂNEO, José Carlos. SANTOS, Akiko (org). **Educação na área do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. Campinas: Alínea, 2005(Coleção educação em debate).

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. E. D. **A pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino)

MARTINS, Josemar, *Anotações em torno do conceito de Educação para Convivência com o Semi-Árido*. In: *Educação para a convivência com o Semi-Árido Brasileiro: reflexões teórico práticas*. Bahia: Juazeiro: Selo Editorial RESAB, 2004

MERCADO, Luiz Paulo Leopoldo (Org.). Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática. Maceió: EDUFAL, 2002.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MORAN COSTAS, José Manuel; MORAN, J. M. **A Tecnologia de Ponta e A Comunicação Professor-Aluno. Comunicação e plano decenal de educação:** rumo ao ano 2003. 1ed. Brasília: MEC, 1996.

MORAN, J. M.; MORAN COSTAS, José Manuel. Televisão. **Temas básicos em comunicação.** São Paulo: Edições Paulinas, 1983, p. 69-73

SOUSA, RP., MIOTA, FMCSC., and CARVALHO, ABG., orgs. Tecnologias digitais na educação [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. 276 p. ISBN 978-85-7879-124-7. Available from SciELO Books

VALLE, Ana Luiza Rocha; AZAMBUJA, Andréa e CARPEGIANA Fernanda. **Juventudes e o Ensino Médio.** Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/1191.pdf>

APÊNDICES



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA DO CAMPO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Eu _____
, portador(a) do RG Nº _____ e do CPF Nº _____, gestor(a) da escola _____, autorizo *Marina Casseiro da Silva Soares*, estudante do curso de *Pedagogia com Área de Aprofundamento em Educação do Campo*, sob matrícula 11329294, a realizar nessa escola sua pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), desenvolvido sob orientação da Profa. Dra. Jeane Félix da Silva. A pesquisa busca abordar o uso educativo da *internet* em duas escolas do campo, com o **objetivo** conhecer o que professores(as) de escolas do campo dizem sobre o uso da *internet* em suas práticas pedagógicas. A coleta de dados se dará a partir da aplicação de um questionário com os(as) professores(as).

A pesquisadora acima qualificada se compromete a assegurar a privacidade das pessoas citadas nos documentos institucionais e/ou contatadas diretamente, de modo a proteger suas imagens, bem como garante que não utilizará as informações coletadas em prejuízo dessas pessoas e/ou da instituição, respeitando deste modo as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS Nº 466/2012, e obedecendo as disposições legais estabelecidas na Constituição Federal Brasileira, artigo 5º, incisos X e XIV e no Novo Código Civil, artigo 20.

Sobrado; _____ de abril de 2019

Assinatura e carimbo do responsável da autorização da pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA DO CAMPO

Pesquisadora: Marina Cassemiro da Silva Soares- matrícula 11329294
Orientação: Professora Dra. Jeane Félix da Silva

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Data do preenchimento do questionário: ____/____/____ Horário ____:____

Sexo: Masc. () Fem. () Idade: _____

Formação: Graduação () Especialização () Mestrado () Doutorado () Outro ()

Disciplina(s)/Ano letivo em que leciona: _____

Tempo de atuação na Educação: _____

Sobre o uso da *internet* em sala de aula, responda:

1- Qual sua opinião sobre o uso da *internet* como apoio pedagógico na escola?

2- Você tem familiaridade com o uso da *internet*? Comente.

3- Você possui conta em alguma rede social? Se sim, quais?

4- Você utiliza a *internet* como ferramenta de ensino em suas aulas? Se sim, comente.

5- Qual sua opinião sobre o uso do celular pelos alunos e alunas?

6- Como lida com o uso dos aparelhos celulares pelos alunos(as) nas suas aulas?

7- Você inclui o uso do aparelho celular ou a *internet* nas atividades educativas diversificadas (como na produção de áudios e vídeos ou na busca por informações e uso de jogos educativos)? O que você pensa sobre o uso dessas ferramentas em sala de aula?

8- Usa aplicativos já existentes como instrumento no processo de ensino-aprendizagem?

9- Na sua opinião, a escola precisa se adaptar ao uso de *internet* em suas práticas pedagógicas?

10 - Você se sente preparado(a) para usar *internet* na sala de aula? Comente.
